

Coleção
Direito e Literatura
Volume IV

Ada Bogliolo Piancastelli de Siqueira

NOTAS SOBRE DIREITO E LITERATURA

O absurdo do Direito
em Albert Camus

Ada Bogliolo Piancastelli de Siqueira

NOTAS SOBRE DIREITO E LITERATURA:
O ABSURDO DO DIREITO
EM ALBERT CAMUS

VOLUME IV

Ed. da UFSC/Fundação Boiteux
Florianópolis
2011

EDITORA DA UFSC

Diretor Executivo
Sérgio Luiz Rodrigues Medeiros

Conselho Editorial
Maria de Lourdes Alves Borges (Presidente)
Alai Garcia Diniz
Carlos Eduardo Schmidt Capela
Ione Ribeiro Valle
João Pedro Assumpção Bastos
Luis Carlos Cancellier de Olivo
Maria Cristina Marino Calvo
Miriam Pillar Grossi

UFSC

Campus Universitário – Trindade
Caixa Postal 476
CEP 88.010-970 – Florianópolis/SC
Fones: (48) 3721-9408, 3721-9605 e 3721-9686
editora@editora.ufsc.br
www.editora.ufsc.br

EDITORAÇÃO:

Rita Castelan Minatto

REVISÃO DE PORTUGUÊS:

Patrícia Regina da Costa
Denise Aparecida Bunn

REVISÃO DE ESPANHOL:

Liliane Vargas

FUNDAÇÃO JOSÉ ARTHUR BOITEUX

Presidente do Conselho Editorial
Luis Carlos Cancellier de Olivo

Conselho Editorial
Antônio Carlos Wolkmer
Eduardo de Avelar Lamy
Horácio Wanderley Rodrigues
João dos Passos Martins Neto
José Isaac Pilati
José Rubens Morato Leite

UFSC – CCJ – 2º andar

Campus Universitário – Trindade
Caixa Postal 6510 – sala 216
CEP 88.036-970 – Florianópolis/SC
Fone: (48) 3233-0390
livraria@funjab.ufsc.br
www.funjab.ufsc.br

CAPA:

Maria Lucia Iaczinski
lucia@editora.ufsc.br

IMPRESSÃO:

Gráfica Copiart

FICHA CATALOGráfICA

S618n Siqueira, Ada Bogliolo Piancastelli de / Notas sobre direito e literatura: o absurdo do direito em Albert Camus/ Ada Bogliolo Piancastelli de Siqueira. – Florianópolis: Ed. da UFSC : Fundação Boiteux, 2011.
159p. (Direito e Literatura, v. 4)

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-328-0562-1 (Editora UFSC)

ISBN: 978-85-7840-050-7 (Fundação Boiteux)

1. Camus, Albert, 1913-1960 – Crítica e interpretação. 2. Direito e literatura.
3. Absurdo na literatura. I. Título.

CDU: 34:82

*À família Floripa,
ao samba do Neco
e ao Iega.*

SUMÁRIO

NOTA EXPLICATIVA	9
APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	25
CAPÍTULO I – BASES PARA UMA TEORIA DO DIREITO CONTADO	
O PONTO DE PARTIDA: O POSITIVISMO JURÍDICO E O DIREITO ANALISADO	31
O MOVIMENTO DIREITO E LITERATURA	36
A ESTRUTURA LITERÁRIA DO DIREITO	45
O DIREITO NAS OBRAS LITERÁRIAS	48
AS NARRATIVAS INSTITUINTES DO DIREITO E DA LITERATURA	52
O DIREITO CONTADO E O DIREITO ANALISADO DE FRANÇOIS OST	58
CAPÍTULO II – O DIREITO QUE SURGE DA NARRATIVA	
A LITERATURA NO MOMENTO DA CRIAÇÃO JURÍDICA	67
DWORKIN E A INTERPRETAÇÃO RESPONSÁVEL	70
O DIREITO COMO NARRATIVA FICCIONAL	77
JAMES BOYD WHITE: O DIREITO COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL	84
O DIREITO COMO RETÓRICA SOCIALMENTE CONSTITUÍDA	91
A OPINIÃO JUDICIAL, O POEMA E A VONTADE DE SIGNIFICAÇÃO	95
CAPÍTULO III – O DIREITO E O ABSURDO: UMA EXPOSIÇÃO DA OBRA “O ESTRANGEIRO” DE ALBERT CAMUS	
PARA ALÉM DA ILUSTRATIVIDADE LITERÁRIA	107
O ABSURDO DA COMPLETITUDE DO HOMEM E DO DIREITO A PARTIR DE ALBERT CAMUS	114
A ÉTICA ABSURDA EM ALBERT CAMUS	121
A JUSTIÇA ABSURDA DE “O ESTRANGEIRO”	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS	147

NOTA EXPLICATIVA

A Coleção *Direito e Literatura* publica, sob o patrocínio da FAPESC – Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina – os estudos mais recentes sobre esta nova linha de pesquisa que busca estabelecer as conexões entre os dois campos do conhecimento.

No âmbito da Universidade Federal de Santa Catarina, desde o ano de 2007, os acadêmicos do curso de Direito voltados a estes estudos participam do programa PIBIC – Programa de Iniciação Científica, vinculado ao CNPq.

Na perspectiva dos novos direitos, desde o ano de 2009 o Programa de Pós-Graduação em Direito (PPGD) da UFSC vem oferecendo a disciplina *Seminário de Direito e Literatura* e sua produção acadêmica está registrada nesta *Coleção*.

Do mesmo modo o Grupo de Pesquisa em Direito e Literatura é certificado pela UFSC junto ao Diretório Nacional de Grupos de Pesquisas do CNPq, tendo realizado, no ano de 2010, o Simpósio *Direito e Literatura*, que contou com a participação de pesquisadores nacionais e internacionais dedicados ao tema e cujos anais integram a presente publicação.

A edição da *Coleção* pelas Editoras da UFSC e da FUNJAB procura atender os rigorosos critérios estabelecidos pela CAPES, a partir de sua avaliação trienal (2010), que definiu o Roteiro de Classificação de Livros e Publicações para a área de Direito.

A *Coleção*, financiada com recursos públicos, está inteiramente disponível para pesquisa nos endereços eletrônicos do PPGD e da Fundação José Arthur Boiteux.

Luis Carlos Cancellier
Coordenador da Coleção

APRESENTAÇÃO

*A Propósito de L'Étranger de Camus, o una Absurdidad
Llena de Sentido (Pro Logos en Derecho y Literatura)*

José Calvo González¹

Tunc aperientur oculi cæcorum, et aures surdorum patebunt

(Isaías, 35: 5)²

*Quod datur, in nihilum (sine Numine nomina Musas
Surda vocas, et nulla rogas).*

Paulino de Nola (355-431 d.C.), Poema 10³

*L'absurde n'a de sens que dans la mesure où l'on n'y
consent pas*

Albert Camus, Le mythe de Sisyphe (1942)

Siendo yo estudiante de Derecho en la Universidad de Sevilla uno de mis maestros – que lo era de Derecho civil – nos exhortaba no concluir nuestra formación jurídica sin la lectura de Camus en *L'Étranger* (1947). Con el tiempo he reiterado esa recomendación a mis propios alumnos,

¹ Catedrático de Filosofía del Derecho. Universidad de Málaga. España.

² "Entonces serán abiertos los ojos de los ciegos, y los oídos de los sordos se destaparán".

³ "Estás invocando a dioses sordos y suplicas a quienes no son nada". Paulino de Nola. Poemas. introducción, traducción y notas de Juan José Cienfuegos García. Madrid: Gredos, 2005. Poema 10 [114-115].

ampliándola – no por escasez, sino para agrandar el homenaje de discípulo – a *Le Malentendu* (1947) y *La Chute* (1956).

Cuando por primera vez leí *L'Étranger* yo estaba sordo y era ciego (*surdum et caecum*). Han transcurrido los años y sé ahora un poco más acerca de lo que merece ser oído y visto. He continuado mi aprendizaje en la escucha y la mirada con ciertos progresos. Lo adeudo en gran medida a Camus. Sus novelas y obras de teatro me han llevado más allá de la sordera (pro ab-surditas), han agudizado mi audición, e igualmente mi visión hoy es casi nítida, y percibe más y distingue mejor. También a mi humor ha favorecido Camus.

El viejo profesor de Civil era en sus clases a veces bastante sarcástico, mordaz incluso si se lo proponía; en su enseñanza utilizaba con habilidad un inteligente y elegante humor frío. Estoy convencido de que aquella exhortación a Camus formaba parte de él. Ciertamente, la absurdidad de *L'Étranger*, y a mi parecer de *Le Malentendu*, *La Chute* y antes de *Le Mythe de Sisyphe* (1942), forman selectas piezas de humor frío. Y así, en efecto, sólo muy recientemente se las ha comenzado a valorar⁴. El absurdo es, en efecto, parte sustancial del *humour camusienne*. Tengo dudas en torno a si además debiera incluirse en esa categoría *Calígula* (1945), que me resulta más cercana a las tesis del relativismo; ninguna no obstante respecto de cualquiera de los otros textos citados.

El trato con el humor *frío* del absurdo ha beneficiado – además de a mí, claro – también a mucha de la mejor Literatura de nuestra época⁵. Milan Kundera presentó con *Zert* (1967) al socialismo real como la trágica broma

⁴ Murat Demirkan, « L'absurde et l'humour dans *L'Étranger* de Camus », en *Synergies* (Turquie) 2 (2009), p. 84.104, y Lionel Dubois (ed.), *Humour, ironie et dérision chez Camus*. Actes du 8^{ème} Colloque de l'association Amitiés Camusiennes (28, 29, 30 mai 2009), Poitiers: Association Amitiés Camusiennes, 2011.

⁵ Permítaseme mención, siquiera, a dos interesantes estudios: Fernando Carmona Fernández, "El extranjero de Camus en *Sostiene Pereira* de Antonio Tabucchi", en *Anales de filología francesa* 11 (2003) (El siglo XX: miradas retrospectivas), p. 161-176, y Arthur Scherr, "Albert Camus's *L'Étranger* and Ernesto Sábato's *El túnel*", en *Romance notes* 47, 2 (2007), p. 199-205.

fría exponente de la historia contemporánea más absurda. Creo que Kundera heredaba allí a Camus⁶. A éste la *conciencia de absurdo* le heló la sonrisa frente al comunismo; una mueca jovial que no evitaría Sartre, quien se mantuvo sordo y ciego, siempre falto del más elemental sentido del humor; en verdad no existe peor sordo que aquel que no quiere oír, y nadie tan ciego como el decidido a no ver. Del resto, arriesgo la opinión de que otras literaturas, con sus contrastes y semejanzas, entrelinean el absurdo camusiano. Leyendo en Meursault se captan fraternidades con Josef K. de *El proceso*, y hasta con el dostoievskiano Rodia Raskolnikov de *Crimen y castigo*. En todas ellas hallamos, a modo de panta rei heraclitiano, contextos similares; el estupor de la desintegración existencial en la ausencia o muerte de Dios, la culpa como representación de la conciencia del bien y el mal, y... la fatalidad radical de las atmósferas jurídicas.

Pero todavía he de ir un poco más allá en mi osadía. Pienso en Grande Sertão: Veredas (1956), de João Guimarães Rosa. En principio, Riobaldo invertiría el «si Dios no existe todo es lícito» de Dostoievski en *Los hermanos Karamazov*, y la apostilla «*Si no hay Dios, yo soy Dios*» de Kirillov en *Los demonios*.⁷

⁶ Señalo incidentalmente una circunstancia añadida. El hecho de que *Le Malentendu* se encuentre ambientado en la antigua República de Checoslovaquia, así como la referencia de *intertexto* en la segunda parte de la obra, cuando Meursault halla en su celda un viejo trozo de periódico conteniendo una noticia de un suceso acaecido en aquel país:

"Entre a enxerga e as tábuas da cama, eu encontrara, com efeito, um velho pedaço de jornal, amarelecido e transparente, quase colado ao pano. Relatava um acontecimento cujo início faltava, mas que devia ter sucedido na Tchecoslováquia. Um homem partira de uma aldeia para fazer fortuna. Ao fim de vinte e cinco anos, rico, regressara casado e com um filho. A mãe dele, juntamente com a irmã, tinham uma estalagem na aldeia. Para lhes fazer uma surpresa, deixara a mulher e o filho noutra estalagem e fora visitar a mãe, que não o reconheceu. *Por brincadeira*, tivera a idéia de se instalar num quarto como hóspede. Mostrara o dinheiro que trazia. De noite, a mãe e a irmã tinham-no assassinado à martelada e atirado o corpo para o rio. No dia seguinte de manhã, a mulher do desgraçado viera à estalagem e revelara, sem saber, a identidade do viajante. A mãe enforcara-se. A irmã atirara-se a um poço. Devo ter lido esta história milhares de vezes. Por um lado, era inverossímil. Por outro lado, era natural. De todos os modos, achava que o viajante merecera até certo ponto a sua sorte e que nunca se deve brincar com estas coisas".

⁷ Fiódor M. Dostoievski, *Los hermanos Karamazov*, en *Obras completas, trad. directa del ruso, introducción, prólogos, notas y censo de personajes por Rafael Cansinos Assens*. Madrid: Aguilar, 1973 (9ª ed., 4ª reimp.), vol. III, p. 502 (Parte II, Libro V, "Pro y contra").

Y en esa suite Riobaldo parecería impugnar asimismo la lógica secularizada – que no atea – del nietzscheano «*Dios ha muerto*» en *Der tolle Mensch* (El loco) de *La gaya ciencia* y en *Also sprach Zarathustra*. Riobaldo dice:

Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar – é todos contra os acasos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma!⁸

De este modo Riobaldo sería todavía un plantónico⁹. Sin embargo, Grande Sertão tiene con Camus – en su factura propia a lo Proust y la personalísima verbosidad a lo Joyce del *Ulises* (1922) – una sintonía esencial. El *absurdo* epopéyico de la búsqueda del sentido:

El axioma se sigue, en *suite lógica*, desde conversación entre Rodia Raskolnikov y el joven oficial, en *Crimen y castigo* (Parte I, cap. IV, *in fine*), *Obras completas*, cit., p. 63:

«— Tú, hasta ahora, hablas y discurseas; pero dime: ¿matarías tú mismo a la vieja o no?

— ¡Naturalmente que no!... Yo, en justicia... Pero eso no es cosa mía...».

Para de ahí llevar al siguiente inciso de *Los demonios* (Parte II, cap. I), *Obras completas*, cit., p. 1220: «Había allí un capitán con la barbita canosa, que estaba muy callado y no decía palabra; pero de pronto fue y se plantó en mitad de la habitación y, mire usted, en voz alta, cual si hablase consigo mismo: "*Si no hay Dios, ¿qué capitán soy yo?* Cogió el gorro, abrió los brazos y se fue"». Y por último, en la misma obra, p. 1476, donde Kirillov apostilla: «*Si no hay Dios, yo soy Dios*».

⁸ João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 75.

⁹ "*Dios ha muerto* significa: el mundo suprasensible no tiene eficacia. No prodiga vida. La metafísica, es decir, para Nietzsche, la filosofía occidental entendida como platonismo ha llegado a su fin". Cfr. Martin Heidegger, "*Nietzsches Wort Gott is tot!*", en Holzwege, Klostermann, Frankfurt, 1950, p. 200. Sigo la traducción de Adriana Yáñez en *El nihilismo y la muerte de Dios*. México: UNAM/CRIM, 1996, p. 114. Como bibliografía secundaria y de discusión conduzco a: Julio Quesada Martín, "*El mito de Sísifo* (A. Camus) a la luz de la ontología y la política de F Nietzsche", en *Teorema: Revista internacional de filosofía* 13, 1-2 (1983), p. 213-224 y Katharina María Herrmann, "Diagnosen der Moderne: Nietzsches Nihilismusbegriff und Camus' Philosophie des Absurden", en *Estudios filológicos alemanes: revista del Grupo de Investigación Filología Alemana* 8 (2005), p. 309-320.

Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para as más ações estranhas, é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe! [...] Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas¹⁰.

El único sentido es, pues, lo más inmanente: la existencia es el mundo como *um grande sertão*. En realidad, existir en el sinsentido de un gran desierto inenarrable y áfono como Dios, en el absurdo de un Dios mudo.

Para Camus el absurdo nace al encarar ese silente grande sertão: « *L'absurde naît de la confrontation de l'appel humain avec le silence déraisonnable du monde* ». ¹¹ Existimos en un desierto de silencio, somos extraños del sentido. La condición humana es de *extranjería*, de *outsider*. Esta extraterritorialidad del sentido nos hace permanecer en la *errancia del extravagante*.

Y los entrecruzamientos de *L'Étranger* y *Grande Sertão* persisten. A menudo el miedo de Riobaldo explica la ausencia de remordimiento de Meursault; "Enquanto se tem medo, eu acho até que o bom remorso não se pode criar, não é possível". ¹² En la sinrazón del *juiz Zé Bebelo*¹³ memoramos el absurdo de la instrucción y enjuiciamiento en el relato de Camus, una y otro en clave de derecho penal de autor.

¹⁰ João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, ed. cit., p. 116.

¹¹ Albert Camus, *Le mythe de Sisyphe: essai sur l'absurde*. Nouvelle édition augmentée d'une étude sur Franz Kafka. Les Essais XII. Paris: Gallimard, 1942, p. 45.

¹² João Guimarães Rosa, cit., p. 78.

¹³ *Ibid.*, p. 79.

O propósito desta abordagem reside em evidenciar como a obra literária é capaz de sensibilizar o leitor para questões legais de difícil acesso numa discussão restrita ao âmbito jurídico. Nesse sentido, a obra de Camus foi escolhida para esta proposta por provar-se capaz de discutir questões incontornáveis para a compreensão do funcionamento de uma ordem jurídica. Entre estas questões, encontram-se a generalização opressora do sistema legal e a perseguição do indivíduo que a ele não se enquadra. São indagações básicas desenvolvidas por um autor distanciado do mundo jurídico, mas que, por meio dos reflexos sociais do Direito, captou o sentimento que essa ordem provoca e, com maestria, espelhou-os em sua obra.

